

## OS SABERES POPULARES DAS REZADEIRAS NO DISTRITO DE SÃO JOSÉ DO TORTO SOBRAL – CE

Reginalda Moura Portela<sup>1</sup>

Francisco Raniere Moreira da Silva<sup>2</sup>

Rosângela Barbosa da Silva<sup>3</sup>

Eliza Deyse Pereira de Moraes Marinho<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente trabalho aborda os saberes populares presentes nas práticas de rezadeiras de uma comunidade rural do interior do Ceará. O objetivo é verificar como ocorre o processo de transmissão do saber popular, a partir da história de vida, dos modos de aprendizagem e dos tipos de rezas, curas e práticas das rezadeiras. A fundamentação teórica sobre a temática foi subsidiada por autores como: Freire (1987; 2002), Brandão (1993), Santos (2009) e outros que discorreram sobre o tema. Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo, como uso de abordagens metodológicas da história oral e história de vida. Os resultados apontam a forte influência dos saberes populares e prática das rezadeiras sobre a vida da comunidade. Apesar do fácil acesso à medicina convencional vivenciado na atualidade, a procura pelos serviços de reza e curas ainda é muito presente na comunidade. Apesar da reconhecida importância, estes saberes populares ainda estão alheios aos espaços formais de educação. O estudo evidencia a necessidade de aproximação do saber formal aprendido no espaço escolar e o saber informal adquirido no cotidiano, nas práticas do dia-a-dia.

**Palavras-chave:** Rezadeiras; Saberes Populares; Transmissão de Saber; História de Vida; Práticas sociais

---

<sup>1</sup> Professora da Educação Básica do Município de Juazeiro do Norte – Ce. Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e especialista em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar pela Faculdade IEducare. E-mail: [reginaldamportela@gmail.com](mailto:reginaldamportela@gmail.com).

<sup>2</sup> Professor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri (CCSA-UFCA). Graduado em Administração pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Mestre e Doutor em Administração pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: [raniere.moreira@ufca.edu.br](mailto:raniere.moreira@ufca.edu.br).

<sup>3</sup> Professora da Educação Básica do Município de Juazeiro do Norte – Ce. Graduada em Pedagogia pela UNIFAJ e Especialista em Educação infantil e alfabetização. E-mail: [barbosarosi248@gmail.com](mailto:barbosarosi248@gmail.com).

<sup>4</sup> Professora da Educação Básica do Município de Juazeiro do Norte – Ce. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Tecnologia do Ceará (FATEC) e especialista em Braille pela Faculdade Futura-FAVENI. E-mail: [elizadeyse0819@gmail.com](mailto:elizadeyse0819@gmail.com).

## **ABSTRACT**

This work addresses the popular knowledge present in the practices of traditional healers in a rural community in the state of Ceará. The objective is to verify how the process of transmission of popular knowledge occurs, based on the life story, the ways of learning and the types of prayers, cures and healers practices. The theoretical framework was subsidized by authors such as: Freire (1987, 2002), Brandão (1993), Santos (2009) and others who discussed the subject. This is a qualitative, exploratory and descriptive study, using methodological approaches to oral history and life history. The results point to the strong influence of popular knowledge and healers practices on the life of the community. Despite the easy access to conventional medicine currently experienced, the demand for prayer and healing services is still very presente in the community. Despite the recognized importance, this popular knowledge is still outside the formal spaces of education. The study highlights the need to approximate formal knowledge learned at school and informal knowledge acquired in everyday life, in day-to-day practices.

**Key Words:** Healers; Popular Knowledge; Knowledge Transmission Process; Life's History; Social Practices

## **1. INTRODUÇÃO**

As práticas de curas e rezas constituem um saber popular ainda muito presente, sobretudo em contextos rurais e nas periferias urbanas. Em que pese os avanços da medicina e as políticas de acesso a equipamentos e serviços de saúde experimentadas ao longo das últimas décadas, ainda é comum recorrer às rezas para a cura de males específicos, de modo que o ofício das rezadeiras se reveste de importância social, cultural e simbólica. Como saber embebido na religiosidade e no catolicismo popular, o ofício das rezas e curas mescla elementos de tradição indígena, das matrizes africanas e de tradições europeias, elementos fundantes da diversidade sociocultural brasileira.

Em muitas localidades do Nordeste, começa de criança a cultura de procurar os serviços das rezadeiras. É comum nas famílias que têm crianças recém-nascidas as levarem à casa dessas mulheres com o intuito de seus filhos serem curados de quebranto. Muitas mães, antes mesmo das crianças terem essa doença, já levam a criança durante nove sextas-feiras à casa das rezadeiras, para que elas não adquiram esta enfermidade.

Este artigo discute a importância dos saberes populares das rezadeiras Ade uma comunidade rural do interior do Ceará. O objetivo é verificar como ocorre o processo de

transmissão do saber popular, a partir da história de vida, dos modos de aprendizagem e dos tipos de rezas, curas e práticas das rezadeiras.

Para tanto, optou-se por realizar um estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo, como uso de abordagens metodológicas da história oral e história de vida. A interlocução com as rezadeiras se deu por meio de entrevistas semiestruturadas e observação direta. Em que pese a existência de mais rezadeiras na comunidade, optou-se por investigar a história e a prática de duas delas, visto que são bastante conhecidas pela comunidade e seu entorno, também por terem idades diferentes, práticas similares adquiridas em diferentes épocas e contextos históricos.

A fundamentação teórica sobre a temática foi subsidiada por autores como: Freire (1987; 2002), Brandão (1993), Santos (2009) e outros que discorreram sobre o tema. Outra contribuição importante para a investigação e (re)significação destes conceitos foi a visão das rezadeiras sobre eles, e sua importância para a preservação dessa cultura, através da transmissão ou reelaboração da mesma.

O artigo está organizado em seis seções, incluindo esta introdução. As seções dois e três apresentam o referencial teórico. A seção quatro descreve as escolhas e o percurso metodológico trilhado na investigação. Posteriormente, são apresentados os resultados e discussões. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

## **2. CONCEITUANDO SABER POPULAR**

Os saberes populares são conhecimentos produzidos pelo o homem através das observações e experiências realizadas no ambiente em que vive. Esses saberes são transmitidos de geração a geração por meio de processos de memória coletiva em que o indivíduo interage com a sociedade, seus grupos e instituições. Portanto, os saberes são adquiridos através do diálogo, nos quais essas aprendizagens vão sendo colocadas em prática e contribuindo na construção de uma identidade que nos ajuda a compreender o mundo que os cerca. Daí vem a capacidade do homem transformar o ambiente em que vive para se adaptar às necessidades de sobrevivência. A este respeito Brandão (1993) nos coloca o seguinte:

Sendo também seres da natureza, nós somos e nos tornamos humanos porque, ao contrário dos animais que se transformam corporalmente para se adaptarem às mudanças do meio ambiente em que vivem, nós transformamos os ambientes em que vivemos para adaptá-los a nós e para tornarmos possível e progressiva a nossa vida neles. (BRANDÃO, 1993, P, 27)

A interação produz a identificação com um grupo e cria uma identidade cultural que singulariza o grupo e o distingue dos demais. Segundo Silva (2008, p.07) “Cultura popular

identifica, então, o cultivo dos significados e valores comuns ao povo (...)” Brandão (1993, p.05) trata de cultura como “o lugar social das ideias, códigos e práticas de produção e reinvenção dos vários nomes, níveis e faces que o saber possui”.

Esses autores demonstram que a cultura faz parte da vida do homem, por que os transforma em seres iguais, capazes de criar e reinventar e ao mesmo tempo tão diferentes, por serem criadores de diferentes culturas e assim múltiplas identidades culturais. Isso aponta para a necessidade de valorização da diversidade cultural, seja ela dita popular ou não. quebrando um paradigma de identificar cultura como um conjunto de bens materiais ou imateriais, mas que só é possível tê-la quem se enquadra na classe elitizada. Vale lembrar Roger Chartier (1995, p.179) quando diz que “o conceito de cultura popular é uma categoria erudita”, ou seja, é uma cultura manifestada através de saberes específicos ligada ao tradicional, porém independente de um saber oficial.

Muitas pessoas têm acesso a ambientes que contribuem para seu desenvolvimento e aquisição de saberes culturais como: escola, cinema, teatro, exposição de artes e outros. Contudo, não se pode negar que um sujeito que não tenha acesso a teatro ou cinema não seja parte de um mundo cultural, ou mesmo dizer que este não seja portador de uma cultura, isento de valores e saberes.

Compactuando dessa ideia, Brandão (1983) afirma que a cultura é orientada pela perspectiva de realização de todos os direitos do povo, fundada nos saberes da comunidade. Esse saber adquirido pela comunidade é empregado como matéria prima para o ensino. Na mesma linha de pensamento, Freire (2002) coloca: “[...] pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária” (FREIRE, 2002, p.17).

Tanto Freire como Brandão mostram que a aprendizagem inicia com os saberes incorporados na cultura da comunidade que está inserida o indivíduo, e por isso deve ser considerado o aprendizado que o sujeito traz do seu cotidiano que estão ligados às suas experiências de vida

Brandão (1983) fala sobre um paradigma em relação à educação, pois quando se pensa em educação, logo surge a ideia de que só é possível encontra-la através de um ensino formal. Entretanto ele diz que a aprendizagem acontece inicialmente no meio cultural onde o indivíduo vivencia suas experiências e transmite o saber adquirido. A educação está presente nas atividades mais simples, porque ela constitui um conjunto de crenças e valores que constroem

tipos de sociedade. Conforme Freire (2002, p. 11), na prática cotidiana destas atividades, esses saberes se confirmam, se modificam ou se ampliam.

Sempre que tais saberes se realizam, aprendem e são transmitidos, tem-se um processo de criação e ampliação de conhecimento, mesmo fora do ambiente escolar. Acontece que esses saberes não são adquiridos por técnicas e estratégias pedagógicas sistemáticas e formais, mas por um grupo de pessoas que ensinam o que aprenderam com os seus antecedentes, gerando desta forma uma identidade do modo de vida de um grupo social. Essa compreensão é basilar para o estudo da transmissão de saberes populares. As rezadeiras, por exemplo, podem nunca ter frequentado modelos de ensino formal e centralizado na escola, porém isso não significa que elas não tenham conhecimento. Pelo contrário, vivenciam todos os dias a transferência de saberes, que as ajudam a transformar o seu trabalho em sua vida, através das práticas e do conhecimento que tem com sua cultura e seu mundo social.

Do mesmo modo como o professor precisa conhecer muito bem a disciplina que ensina para ser um bom profissional, as rezadeiras conhecem muito bem suas práticas culturais e os elementos que utilizam para a cura de quem acredita em suas orações. Sendo assim pode-se dizer que as classes populares produzem um saber que vem das experiências de vida e do contexto social em que estão inseridos.

Segundo Brandão (1983), os educadores pensam a educação em domínios restritos: a universidade, o ensino fundamental, o ensino médio, a alfabetização, a educação de jovens e adultos, mas não pensam que todo conhecimento que acontece cotidianamente forma um tipo de educação e que são muito importantes para a história da humanidade. O autor propõe uma educação que seja relacionada com o processo “livre” de transmissão de saberes, tais como: a fala comum a um dado grupo, as tradições culturais e demais comportamentos característicos das diversas comunidades presentes em uma sociedade.

Para Paulo Freire, os conhecimentos prévios do educando, são construídos ao longo da vida e que o ser humano no ato de ensinar a fazer o seu ofício ele aprende junto com quem está ensinando. Freire (2002) afirma que para ser um bom professor é necessário acreditar na educação própria do educando, o que implica em valorizar os saberes prévios que são estabelecidos durante sua história e seu contexto social. Portanto, o autor deixa claro que o ensino não depende exclusivamente do professor, assim como aprendizagem não é algo apenas do aluno, pois quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

As rezadeiras, ao aprender o ofício da cura, estão passando por um processo de aprendizagem oral. Elas vivem dois contextos muito importantes, são educandas quando estão aprendendo com o curador e se tornam educadoras quando repassam seu ofício a outra pessoa.

Portanto, participam da visão antropológica conceituada por Paludo “o ser humano está colocado no centro, como sujeito construtor da história individual e coletiva.” (Paludo, 2006, p.55).

Na mesma linha de pensamento, Freire afirma que:

(...) Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (FREIRE, 2002, p.14)

Depreende-se das falas dos autores que a educação tem que ser pensada como uma experiência renovadora, onde educandos e educadores aprendam juntos, um ensinando o outro a construir conhecimentos e que os dois sujeitos do processo aprendizagem (professor e aluno) devem compartilhar conhecimentos e aprender juntos. Paludo (2006) mostra aspectos importantes apreciados na pedagogia da educação popular que valoriza as experiências do homem no seu habitat, dando suma importância à dimensão cultural, a dimensão ética, a dimensão produtiva e a dimensão psicoafetiva. Com essa nova pedagogia o homem simples com saberes valiosos possa está conhecendo e convivendo com os saberes formais, porém a sua cultura e a sua identidade estão integradas nesses saberes. A educação, portanto, passa fazer parte do cotidiano das pessoas e a interagir com a vida delas, ocorrendo nesse processo a ampliação dos espaços de interação cultural.

### **3. AS REZADEIRAS E A DINÂMICA DE SEU OFÍCIO**

A maioria das rezadeiras é católica, porém integram o que se pode chamar de catolicismo popular, que é repleto de símbolos e comportamentos criados e adaptados a partir das crenças e experiências de vida das classes menos favorecidas. Gaspar (2004) afirma que:

Existem rezadeiras e benzedoras espalhadas por todo o país, nas grandes cidades e no interior, nas áreas urbanas e rurais. Equivalem as antigas feitiças das aldeias europeias: sejam homens ou mulheres, geralmente sabem usar as plantas medicinais da região em que vivem e combinam o uso desses medicamentos naturais com o ritual mágico das benzeduras. (GASPAR, 2004, p.127)

Santos (2009) define as rezadeiras ou benzedoras como mulheres de origem africana, que fazem as benzeduras. Elas praticam rezas que ajudam afastar males ou o mau específico que lhe esteja afligindo e que se utilizam dos conhecimentos do catolicismo popular para ajudar na cura, pois acreditam que o aprendizado do ofício acontece através do dom dado por Deus.

No ato das orações elas se utilizam de elementos como: ramos verdes, fitas vermelhas, sinais de cruz e vários tipos de rezas. Também fazem invocação aos poderes dos santos com o objetivo de contribuir para a percepção das estratégias utilizadas nas rezas, com o intuito de pôr fim ao mal que é apresentado.

Essas mulheres são personagens muito importantes para a construção da história da humanidade, pois para exercer esse saber se utilizam de conhecimentos que foram transmitidos por suas gerações anteriores. São consideradas, portanto, sujeitos históricos da cultura de um povo. Ao praticar as rezas, os costumes e as memórias de seus antepassados vão sendo lembrados e assim o saber vai sendo transmitido e se tornando vivo na mente de muitos através dos símbolos, das rezas e da fé das pessoas.

A transmissão dos saberes das rezadeiras acontece por meio da aprendizagem oral, já que a maioria delas não teve a oportunidade de estudar. Elas se utilizam da memória para preservar sua identidade, dessa maneira conseguem lembrar situações vividas e assim trazê-las para o presente. Sendo assim, as rezadeiras são mais que transmissoras de saberes, são agentes responsáveis pela a construção da existência de sua própria história. Como afirma Halbwachs (1990, p.87 apud SILVA, 2009, p.01):

Preservar a memória é fundamental para a compreensão de identidade de um determinado grupo, pois “o grupo, no momento em que considera o seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo”.

É importante comentar que mesmo as rezadeiras participando de uma aprendizagem oral elas não são consideradas autoras de saberes mecânicos, pois reelaboram o saber aprendido, não seguindo um padrão único, sempre acrescentam algumas palavras nas orações ou mudam alguns procedimentos.

No passado essas mulheres foram muito importantes para a população mais pobre, pois o acesso aos hospitais era muito difícil e elas se tornavam responsáveis pela saúde da população do sertão brasileiro, já que são detentoras de uma vertente de saberes diferenciado que tem o dom de curar enfermidades através de orações.

Apesar dos avanços verificados na medicina, as práticas de benzeções não ficaram enterradas no passado nem foram totalmente substituídas pelos preceitos científicos. Acreditando ou não no poder das rezas, há sempre quem procure nas benzeções uma cura para a sua doença. Esse saber diferenciado surgiu a partir da religiosidade. Os fiéis acreditavam

que a fé em alguns santos curava qualquer doença, outros diziam já haver nascido com esse dom de curar as pessoas e assim iam passando os seus ensinamentos de geração a geração.

Conforme Nery (s.d.) aqui no Brasil o saber das rezadeiras surgiu inicialmente da cultura portuguesa que ao chegarem ao país trouxeram consigo a sua cultura e elementos que a compõem, entre eles plantas medicinais e inúmeras rezas que junto com o convívio da cultura indígena e africana foi se adotando e recriando, por isso existe uma diversidade de tipos de rezas e formas de curar. Cada um estabeleceu sua forma de rezar. As rezadeiras constituem uma comunicação própria que inclui cantos, gestos, rezas e orações, o que faz delas sujeitos construtores de seus saberes, pois no cotidiano vão construindo e reelaborando-os para suas práticas.

Theotonio (2010, p.15) define as rezas como:

(...) práticas complexas compostas por ensalmos, ou seja, jaculatórias, gestos, acompanhados ou não pelo uso de símbolos como o ramo e a água. A essa reza é acrescida a recitação de orações oficiais da Igreja Católica, tais como o Pai Nosso Ave Maria, Salve Rainha, Credo; e de gestos, como o “pelo sinal”.

É importante destacar que existe uma diferença entre rezas e orações. As rezas são misturas de práticas realizadas pelas rezadeiras, nas quais fazem uso de símbolos como água benta, ramos, terço e gestos, que segundo Theotonio (2010, p. 16) “tem o objetivo de debelar o mal, seja ele físico ou consequência de um fator externo como o mau olhado”. Enquanto as orações são expressões da fé conduzida pela igreja católica.

#### **4. ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Esta seção apresenta o desenho da pesquisa e sua abordagem norteadora, a inserção dos pesquisadores no campo e sua relação com os sujeitos do estudo, os instrumentos e procedimentos de coleta dos dados e de análise e interpretação dos mesmos.

Para o alcance do objetivo proposto no artigo, optou-se pela realização de um estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo, como uso de abordagens metodológicas da história oral e história de vida. Utilizou-se a pesquisa qualitativa posto que ela ajuda a compreender melhor o ponto de vista dos sujeitos pesquisados. Para Spindola e Santos (2003, p. 120) “*A pesquisa qualitativa preocupa-se com os indivíduos e seus ambientes em suas complexidades, não havendo limites ou controle impostos pelo pesquisador.*” Do mesmo modo, o método histórico foi utilizado pela sua pertinência para a análise e compreensão de como ocorre o processo de transmissão desses saberes. De acordo com Spindola e Santos (2003, p.



121), “o objetivo desse tipo de pesquisa é justamente apreender e compreender a vida conforme ela é relatada e interpretada pelo próprio autor.”

O procedimento para a coleta de dados consistiu em uma entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 1987), complementada pela observação das práticas das rezadeiras no exercício do seu ofício. Os sujeitos entrevistados, encarados aqui como informantes-chave, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, participam na elaboração do conteúdo do trabalho.

A investigação empírica foi realizada no distrito de São José do Torto, no município de Sobral-Ceará. A comunidade possui aproximadamente 3.500 habitantes e 700 famílias, e se localiza à oeste da cidade de Sobral, a 37km da Sede do município. A escolha de fazer a pesquisa nesta comunidade se deu a partir da observação de um diferencial dos moradores que nela habitam. A maioria deles utiliza os saberes populares nas necessidades do cotidiano, especialmente os saberes relativos às rezas, curas, ervas e medicinas populares, fazendo uso dos conhecimentos das rezadeiras. Na localidade residem dez rezadeiras e três rezadores populares que mantêm viva a memória de seus antepassados através do ofício da cura.

Em que pese a quantidade de rezadores e rezadeiras existentes na localidade, para fins de maior aprofundamento e tendo em vista os pressupostos e características do método histórico, optou-se por trabalhar com apenas duas rezadeiras. A escolha das entrevistadas levou em conta o fato de que elas são bastante conhecidas pela comunidade e seu entorno, também por terem idades diferentes, práticas similares adquiridas em diferentes épocas e contextos históricos.

A primeira delas, Albetiza Mouta, de 49 anos, reza para quebranto desde seus vinte anos de idade. Entre as rezadeiras da localidade ela é uma das mais procuradas para fazer esta reza. Segundo depoimentos de pessoas que lhe procuram a oração que faz é muito forte. Dona Rosa Bernardino, de 77 anos, solteira, é a segunda informante do estudo. Ela é a rezadeira mais procurada na comunidade e distritos vizinhos, pois conhece várias rezas para diferentes doenças como: quebranto, carne rasgada, dor de dente, erisipela, engasgo, espinhela caída e também reza para espantar formigueiro de plantações e para descobrir quem furtou alguma coisa.

As entrevistas foram realizadas nas residências das rezadeiras, de modo a deixá-las o mais à vontade possível e possibilitar que a conversa ocorresse em um local que represente o seu cotidiano e tenha relação com o seu fazer. Além disso, buscou-se um tom mais livre e informal, o que, de acordo com Patton (2002), aumenta a relevância e pertinência das perguntas que emergem a partir das observações, dos indivíduos e das circunstâncias. O roteiro de entrevista foi organizado em blocos temáticos, relacionados aos interesses, processos de

aprendizagem das rezas, significado do ofício, tipos de rezas, modos de fazer e materiais utilizados, valorização do saber pela comunidade, etc. As questões visaram facilitar o encadeamento lógico das ideias, com o cuidado para que isso não restringisse a liberdade narrativa das entrevistadas.

Além das entrevistas, foram realizadas visitas às rezadeiras em outros momentos que foram marcados pela observação do seu cotidiano e das práticas de reza, bem como por conversas informais que complementaram a percepção dos pesquisadores e auxiliaram a análise dos resultados.

O material coletado foi sistematizado e analisado a partir de recursos de análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Com base nas transcrições das narrativas, foram identificadas as categorias que mantinham relação direta com o tema investigado, a saber: história de vida; processos de transmissão do saber; modos de aprendizagem e práticas das rezadeiras. A partir destas categorias a análise foi realizada.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A presente seção apresenta e discute os principais resultados e achados da investigação relacionados ao problema de pesquisa abordado neste artigo. Inicialmente é apresentada uma narrativa sintética das histórias de vida das rezadeiras investigadas. Posteriormente, discorre-se sobre os processos de aprendizagem e transmissão do saber e as práticas sociais das rezadeiras.

### **5.1. Rezadeiras de São José Do Torto: Vida e Cultura**

As histórias a seguir destacam duas rezadeiras bastante conhecidas na localidade onde o estudo se desenvolveu. Elas são procuradas pelos moradores da comunidade por serem conhecedoras de muitas rezas para curas de mazelas. Para melhor compreender esses conhecimentos que elas trazem ao longo de sua existência é fundamental conhecer a sua trajetória de vida, suas origens, como aprenderam as rezas e que participação à educação formal teve em suas vidas.

#### 5.1.1 Dona Rosa Bernardino

Rosa Bernardino é solteira, nasceu no dia 12 de julho de 1935, numa pequena comunidade chamada Paranguaba, na zona rural do município de Sobral-Ce. Filha de agricultores, vem de uma família de onze irmãos. Começou a trabalhar muito cedo no roçado para ajudar no sustento da casa, pois como a família era muito grande seu pai não conseguia

sozinho sustentar, portanto de pequenos todos os membros da família iam para o roçado, de onde tiravam sua alimentação e sustento. Dona Rosa relata que nos tempos que havia seca, eles passavam muita fome: *“tinha dia que eu dormia com fome, às vezes quando tinha farinha mamãe dava pra enganar a fome”* (Rosa Bernardino, informação verbal).

Com as dificuldades da vida, não teve oportunidade de estudar assim como seus dez irmãos. Aprendeu fazer o seu nome com dificuldades, somente para votar. Conta ela que só aprendeu a escrever o nome porque seu pai pediu a um cunhado que sabia escrever para passar uns dias ensinando-os. Com o olhar triste, fala que gostaria muito de ter estudado, pois acha a educação muito importante e fica fascinada quando vê uma criança lendo.

De família católica, Dona Rosa conta que ficava ansiosa a esperar chegar o mês de outubro para ir às festas de São Francisco de Assis. *“Nesse tempo nós saía das Pedrinhas à tarde, no sol danado, para chegar à Ubaúna a tempo da novena de São Francisco, nenhum se reclamava do cansaço”* (Rosa Bernardino, informação verbal). Conta ela também que sua mãe tinha grande devoção pelo Santo, tudo que lhe acontecia intercedia a ele.

Dona Rosa aprendeu a rezar com sua mãe, que por sua vez aprendeu com sua avó. Ela contou que, entre todas as irmãs, foi a única que aprendeu. Sua mãe já estava idosa quando pediu que ela aprendesse as rezas que sabia, pois iria morrer e ela ficaria para ajudar as pessoas da comunidade.

De início, Dona Rosa achava que não iria aprender, pois seus afazeres eram muitos e também achava que não tinha cabeça para isso, mas com a insistência de sua mãe, começou a se interessar. Assim, no final da tarde sua mãe ia rezando e ela repetindo. Relata que às vezes começava a cochilar de tão cansada que se encontrava, mas era sempre despertada por sua mãe. A rezadeira nos relatou que depois que aprendeu, tem grande satisfação de poder ajudar as pessoas com suas rezas. Conforme afirma, nada lhe deixa mais feliz de saber que pode aliviar a dor de alguém. Se sente realizada com seu saber e acha que foi dom de Deus ter aprendido tudo o que sabe.

### 5.1.2 Dona Albetiza Mouta

Albetiza Mouta, casada, mãe de três filhos, nasceu no dia 20 de novembro de 1963, numa pequena comunidade chamada Várzea, na zona rural do município de Frecheirinha-Ce. Filha de agricultores, ela vem de uma família de quatorze irmãos. Com dez anos de idade, começou a ajudar seus pais na roça e na casa de farinha. Segundo ela, apesar de ter trabalhado muito na sua infância para ajudar no sustento da família, tem boas lembranças dela, pois nessa fase com toda a dificuldade e cansaço conseguiu ter momentos para brincar debaixo do pé de

oiticica que tinha no quintal de sua casa. Conta ela que suas bonecas eram feitas de sabugos de milho. No entanto, o que lhe deixava mais feliz era poder ir pescar no rio Caiçara que ficava próximo de sua casa. Para Dona Albetiza, fazer essa atividade era viver momentos de felicidade. *“Eu adorava sair rio adentro com uma tarrafa, só sossegava quando via que tinha pegado muitas piabas. Voltava para casa muito feliz, não sentia nem fome”* (Albetiza Mouta, informação verbal).

Seu Antônio Firmino, Pai de Dona Albetiza, mesmo não sabendo ler nem escrever, fez de tudo para que seus quatorze filhos pudessem aprender. Onde morava ninguém era letrado e a escola que existia na época era muito longe, se localizava na cidade de Frecheirinha. Certo dia chegou ao pequeno interior um homem chamado José Enxu que foi morar lá. Vendo que na comunidade não existia nenhuma escola, ele se propôs a dar aula para os moradores de lá, porém tinha que pagar certa quantia. Seu Antônio como não tinha condições de colocar seus quatorze filhos na aula, priorizou a filha mais velha, Edileusa. Conta dona Albetiza que sua irmã ia para aula e quando chegava a casa tinha que repassar tudo que aprendeu naquele dia para seus irmãos que ficaram. *“Depois de meio dia era sagrado, nós tudinho se juntava na sala e a Edileuza ia nos ensinar”* (Albetiza Mouta, informação verbal). Assim todos os filhos de seu Antônio aprenderam a ler e escrever, uns com mais facilidade, outros não. Dona Albetiza, já depois de casada, voltou a estudar e conseguiu fazer até a 5ª série.

De uma família católica, Dona Albetiza nos fala que todos os anos seus pais levavam a família para as novenas de Nossa Senhora da Saúde, padroeira de Frecheirinha. Também a sua família realizava orações sempre antes e depois das refeições para agradecer a Deus pelos alimentos que estavam sobre a mesa e sempre que iam dormir tinham que pedir a benção a seus pais e fazerem as orações individuais. Ela relata que as rezas sempre estiveram presentes no seu cotidiano. Sua avó era rezadeira e sua mãe também, portanto sempre via elas realizando as rezas em alguém ou nela mesma. O seu processo de aprendizagem aconteceu por meio de sua avó, Dona Chaga, que já idosa lhe passou a reza para quebranto, pois como ia se casar e morar longe tinha que aprender para ajudar as pessoas e futuramente rezar em seus próprios filhos.

Com vinte anos de idade Dona Albetiza se casou e foi morar em São José do Torto - Sobral, lugar onde reside até hoje. Com a reza que sua falecida avó lhe ensinou já ajudou muitas crianças e adultos a ficar curado do mal de quebranto, inclusive sua filha do meio, que recém-nascida pegou um quebranto muito forte, que quase lhe levava à morte, se não fosse sua mãe já conhecer os sintomas da doença e saber rezar ela tinha morrido. Dona Albetiza conta que sua filha só está viva hoje, pela a graça de Deus e de sua reza.

A narrativa sintética das histórias de vida das rezadeiras contribui para a compreensão do processo de transmissão do saber popular, na medida possibilitam uma imersão em seu mundo vivido, conhecendo as suas origens, seus traços de formação sociocultural e identitária, as motivações para o exercício das rezas, etc. Em que pese as diferenças de idade e de local de origem, as histórias das duas personagens se assemelham e se confundem em diversos pontos, sobretudo no que diz respeito às origens rurais, à formação católica, ao caráter familiar da transmissão do ofício das rezas e curas e à satisfação no exercício das suas práticas.

## **5.2. Modos de aprendizagem e práticas das rezadeiras**

Aqui se discute o processo de transmissão do saber popular das rezadeiras a partir da análise do relato das entrevistadas sobre as formas de repasse das rezas, dos modos de aprendizagem e das suas práticas cotidianas.

A Rezadeira Dona Rosa relata que as rezas foram surgindo a partir das dificuldades sofridas no passado, pois a vida era muito difícil principalmente para quem sempre morou no sertão e tinha uma grande precariedade em tudo, sobretudo no acesso à saúde. O acesso precário à saúde estava relacionado tanto à inexistência de um sistema estruturado de saúde, com políticas, equipamentos, profissionais e tecnologias, quanto à existência de outros problemas como pobreza e desnutrição. Quando as crianças adoeciam, o que as famílias podiam fazer era pedir a Deus a cura e assim surgiram as rezas.

Minha filha, eu não tenho muita coisa pra dizer não, mas só sei que as coisas antigamente era muito dependiosas. A mamãe contava que era a coisa mais difícil conseguir um remédio, quem não tinha condição corria pra casa da vó que ela sabia de toda reza e as que não sabiam foi aprendendo, por que tinha que aprender. (Rosa Bernardino, informação verbal)

Esta fala corrobora o pensamento de Brandão (1993) acerca das transformações que o homem produz no ambiente em que vive com o objetivo de adaptar as condições e tornar possível a sobrevivência nele. Esse processo de adaptação e transformação é marcado por memórias e saberes coletivos que são compartilhados.

Na continuidade, a mesma entrevistada fala:

A vó foi uma mulher sofredora, ave Maria, se ela não ensinasse a mamãe. Ela dizia que a gente tem que passar essas rezas pra nossos filhos até o dia que Deus quiser que a gente viva né, mas lá em casa, só eu tive cabeça pra aprender e tô aqui, pra quem quiser aprender eu ensino. (Rosa Bernardino, informação verbal)

Aqui também se verifica uma forte vinculação com a assertiva de Brandão (1993), de que a cultura é orientada pela perspectiva de realização de todos os direitos do povo, fundada nos saberes da comunidade. Esses saberes, que integram uma memória coletiva e social da comunidade, geram aprendizagens que se processam no cotidiano a partir de demandas compartilhadas e de temas geradores ligados à experiência de vida e ao cotidiano, mesmo fora dos espaços formais de educação.

As rezadeiras Dona Rosa e Dona Albetiza por diversas vezes foram educandas quando estavam aprendendo as orações e foram educadoras quando ensinaram suas rezas a outras pessoas. “*Um dia veio aqui uma ‘pixota’ da Pedra de Fogo pra eu ensinar e copiar pra ela algumas das minhas orações. aí eu ia falando e ela copiando*”. (Rosa Bernardino, informação verbal).

Nos trechos abaixo, as rezadeiras entrevistadas relatam como aprenderam o ofício:

[...] não sei como aprendi essas rezas. Deve ser por porque tenho a cabeça muito boa, mas se tu vier aqui pra eu te ensinar a rezar, tu copia o que eu vou dizendo tudo direitinho, por que só não sei escrever, mas a memória é boa, aí tu aprende pela leitura. (Rosa Bernardino, informação verbal).

Aprendi a rezar com minha vizinha, a madrinha Chaga, mãe do meu pai que me ensinou a rezar para quebranto quando estava velhinha. Todo o dia eu ia para casa dela e ela ficava rezando e eu repetindo o que ela dizia. Fiz isso até aprender, mas demorou muito por que ela rezava muito rápido. (Albetiza Mouta, informação verbal)

Aprendi as rezas com a mamãe. Ela me disse assim, minha filha, aprende que vou morrer e tu vai ficar ajudando as criança, fazendo essa caridade. Aí ela me ensinava toda noite, de dia eu não tinha tempo, então ela me ensinava na boca da noite. Ela começava falar e eu agarrava no sono e ela dizia: parece que já tá é dormindo, e eu dizia: “Tô não, mãe”. Foi assim que aprendi. (Rosa Bernardino, informação verbal)

Observa-se, a partir das falas, um forte componente de oralidade nos processos de repasse e aprendizagem das rezas, baseados na fala de quem ensina e na repetição e memorização por parte de quem aprende. Esse componente de oralidade chama atenção, pelo fato de que as histórias contadas e o modo como são narradas empregam palavras e expressões que são específicos de cada experiência e, muito provavelmente, sejam reelaborados a cada vez que a narrativa seja contada. Além da reelaboração discursiva, vale salientar ainda as modificações no modo de fazer, ou nas práticas de cura que são operadas pelas rezadeiras.

Segundo Dona Albetiza “*quando sinto que a criança está muito desanimada, triste, rezo mais vezes e peço para vim mais duas vezes*” (informação verbal). Dona Rosa Bernardino diz: “*eu rezo três vezes na pessoa doente mais se ela não ficar boa ai ela vem mais vezes e rezo de novo*” (informação verbal). Isso evidencia um certo dinamismo dos saberes investigados,

que aponta para o fato de que os saberes populares não devem ser encarados com algo velho, antigo, estático, mas um aprendizado que se renova e se reinventa a cada ação. Remonta-se aqui às reflexões de Freire (2002) acerca do fato de que tanto as práticas como a transmissão do conhecimento sobre elas confirmam, modificam ou ampliam os saberes a ela associados.

Outro aspecto marcante do processo de transmissão do saber das rezadeiras diz respeito à vinculação que se estabelece com o sagrado, onde se compartilha a compreensão da reza não apenas como um ofício, mas como um dom divino.

Eu penso na minha cabeça que essas rezas que aprendi com tanto sofrimento, minha mãe era aleijada, trabalhava em casa, trabalhava botando água da Angustura e ainda cuidava da mãe. Eu não sei, meu Jesus, com aprendi. Eu tinha que aprender por que não tinha tempo. Eu acho que Deus me deu o dom por que eu tinha muita preocupação na cabeça mulher. (Rosa Bernardino, informação verbal).

Acredito que as rezas que sei foram um dom de Deus junto com a fé que tenho nele. (Albetiza Mouta, informação verbal).

Assim, as práticas de curas e benzeções encerradas nas rezas estão imersas em um contexto social de forte religiosidade popular. Este aspecto divino vincula socialmente os praticantes a partir da cultura e da tradição, mas também a partir de uma fé compartilhada entre quem exerce o ofício e quem o procura. Na comunidade em que foi realizada a pesquisa, as rezadeiras e os saberes que elas exercem ainda são muito presentes. Elas são procuradas por toda faixa de idade e classe.

Minha fia, vem gente pra cá de todo canto. Tem gente que nem conheço, pobre, rico. Às vezes chega de três aqui pra eu rezar. Um dia veio até o vereador. Veio aqui dizendo que teve um sonho com a madrinha dele, mandando ele procurar uma rezadeira para curar da dor que sentia. Aí comecei a rezar, a rezar, a rezar e o osso que ele sentia dor ficou bonzinho, desinflamou. (Rosa Bernardino, informação verbal)

Ainda vem muita mãe me procurar para rezar nos meninos quando estão com quebranto.” (Albetiza Mouta, informação verbal)

Verifica-se aqui uma dimensão antropológica do processo de transmissão do saber popular das rezadeiras, na acepção do que Paludo (2006) vaticina. Ao tempo que as rezadeiras, a partir da prática do seu ofício, e os moradores, a partir da busca por este ofício, constroem e reelaboram a sua história individual, participam também da construção de uma memória e tradição e coletivas. Pelo fato de retroalimentarem no cotidiano essa tradição coletiva, calcada em elementos simbólicos e imateriais, estes atores dão uma contribuição significativa para a manutenção e reinvenção do saber popular.

No que diz respeito aos elementos e símbolos presentes nas práticas das rezadeiras, observa-se uma simbiose entre símbolos, materiais e ritos de origem religiosa, com objetos da natureza e itens do cotidiano.

Quando a criança mora longe eu ponho um cordão no pescoço da criança e ela fica com ele até cair. Para rezar em carne rasgada eu costuro em um pano, cada palavra eu dou um ponto. Já na reza pra engasgo eu uso o fogo de lenha. A gente bota o que tá queimando no fogo pra trás e o que não tá queimando pra lá por fogo, aí vai rezando na pessoa. Para curar a doença de vermeio eu rezo com ramo. (Rosa Bernardino, informação verbal).

A reza para quebrante eu sempre rezo com qualquer ramo verde. (Albetiza Mouta, informação verbal)

Para cada tipo de doença existe um tipo de reza. Como agentes participativas da cultura popular, as rezadeiras não separam corpo e espírito, muito menos se desligam da religião. Se utilizam fortemente do ato de benzer, definido no dicionário Priberam como: “*Fazer cruze sobre. Abençoar. Fazer benzeduras. Fazer o sinal da Cruz. [figurado] Ficar admirado. Esconjurar*”. Bênção possibilita ao seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos e com os homens.

#### Segundo Santos (2009)

As doenças de rezadeiras são aquelas, cuja concepção e diagnóstico acabam por ser definidos e elaborados pelas próprias rezadeiras. De acordo com as observações realizadas, algumas doenças de rezadeiras são as seguintes: olhado; quebrante; vento caído ou vento virado; espinhela caída; carne triada; isipa, fogo selvagem e mal-de-monte e cobreiro. (SANTOS, 2009, p 16).

No diálogo com as rezadeiras pesquisadas observa-se ainda que elas se orgulham de participarem e praticarem este saber. Pode-se evidenciar este sentimento nas falas abaixo.

O que me faz mais feliz é quando vejo que a mãe chega aqui na minha casa desesperada, que seu filho não come mais, vive com um fastio danado, esmorecido e eu começo a rezar e a criança vai ficando esperta. Aí quando a mãe me encontra na rua chega e diz: “Albetiza não é que a menina tinha mesmo era quebrante”. (Albetiza Mouta, informação verbal)

Não cobro nada pelas minhas rezas, quero é que as pessoas que vem aqui pra eu rezar fiquem boas. (Rosa Bernardino, informação verbal)

Estas mulheres são detentoras de um saber que constrói e transmite através do acúmulo de conhecimentos que vão sendo adquiridos ao longo de anos, e que são repassados de geração em geração. É importante destacar que são sujeitas históricas influenciadas pelos hábitos e costumes do seu tempo e do território que habitam, portanto a vivência e a história de vida de cada uma delas vai organizando e reelaborando os seus saberes, que ao longo dos anos vão construindo semelhanças e aproximações com saberes científicos. Todavia, referidos saberes populares ainda se encontram fortemente apartados dos processos formais e científicos



de educação. Essa diferença, que configura uma espécie de hierarquização entre o saber científico e o saber popular, se expressa mesmo entre os praticantes e detentores deste último.

Os trechos abaixo expõem a visão das sobre o que é educação:

Acho a educação muito importante por que se a pessoa souber ler muita coisa fica fácil e não sabendo ler as coisas se complica. Às vezes eu fico me perguntando como aprendi tanta coisa sem saber ler, mal sei pegar no lápis, mais digo pro Lúcio: “Lúcio, eu não sabia ler pra copiar essas rezas. Como foi que aprendi?” Aí eu acho que é coisa de Deus, essas coisas a gente vai aprendendo a fazer pela necessidade. (Rosa Bernardino, informação verbal).

Minha filha, a educação é a melhor coisa que podemos ter, tudo pode acabar mais o saber não acaba nunca, ninguém lhe tira. Eu estudei só até a 4ª série, queria ter estudado mais, mas as condições daquele tempo eram muito difícil e nós tinha que ir muito cedo pro roçado pra ajudar. Fico muito orgulhosa de você que quer estudar. Já que não tive oportunidade quero que meus filhos estude para ter uma vida melhor que a minha. (Albetiza Mouta, informação verbal).

Pode-se perceber que elas compartilham de uma visão de educação como algo equivalente ao ensino formal, notadamente os atos de ler e escrever. Isso revelado quando, por exemplo, a Dona Rosa remete ao fato de não saber ler e a Dona Albetiza remete ao fato de ter estudado até a 4ª série. Verifica-se ainda na fala desta última rezadeira uma visão de educação como caminho de ascensão social, sobretudo no desejo manifesto de que seus filhos estudem para melhorar de vida. Em que pese essa vinculação de educação com ensino formal, aprendido na escola, é possível notar na fala da Dona Rosa uma valorização daquilo que ela foi “aprendendo a fazer pela necessidade”.

Este resultado reforça a necessidade de tecer aproximações entre os saberes formais e informais, bem como entre os seus processo e espaços de produção, de modo que estes conhecimentos populares sejam valorizados enquanto um saber por quem os produz e pratica, ao mesmo tempo em que possam ser incluídos como componentes dos processos formais de educação. essa direção, vale lembrar os aspectos da pedagogia da educação popular apontados por Paludo (2006), que valoriza as experiências do homem no seu habitat, dando importância às dimensões cultural, ética, produtiva e psicoafetiva.

No entanto, de acordo com a pesquisa realizada percebeu que a escola situada na comunidade pesquisada não se interessa em valorizar os saberes populares da comunidade e tão pouco relacionar tais saberes nas disciplinas, mesmo sabendo que a maioria de seus alunos já se utilizou e ainda se utilizam dos conhecimentos das rezadeiras para a curas de suas mazelas.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste trabalho foi verificar como ocorre o processo de transmissão do saber popular, a partir da história de vida, dos modos de aprendizagem e dos tipos de rezas, curas e

práticas das rezadeiras. Tal intento foi alcançado por meio da análise da história de vida e das práticas de duas rezadeiras residentes em uma comunidade rural do município de Sobral-Ce. Com base no material coletado nas entrevistas e observação, foi possível estabelecer categorias e identificar elementos úteis à compreensão dos saberes e ofícios populares, o seu exercício e modos de passagem/transmissão.

Destaca-se aqui o enraizamento do saber popular em contextos socioculturais específicos que o influenciam e contribuem para a sua manutenção e reelaboração. No caso da realidade investigada, esse contexto possui tanto a marca da forte religiosidade popular quanto das precariedades de acesso a equipamentos e serviços de saúde de outrora, e que, mesmo depois de superadas, não fizeram cessar a busca pela sabedoria popular das rezas e curas.

No que diz respeito às formas de repasse e de exercício do saber popular, três aspectos merecem evidência. O primeiro deles trata do caráter intergeracional e, em certa medida, de tradição familiar do saber popular. Nos dois casos pesquisados, as rezas foram ensinadas ou repassadas para membros mais jovens da família, a fim de resguardar o “dom” e possibilitar a continuidade do ofício. O segundo aspecto está relacionado à oralidade assinalada no processo de transmissão. Geralmente em função das dificuldades de leitura e escrita dos seus praticantes, as rezas são transmitidas pela fala e, à semelhança de outros ofícios populares, a base da sua aprendizagem está na escuta e observação atenta, bem como no exercício e repetição constantes. Por fim, o terceiro aspecto alude às adaptações, modificações e reelaborações operadas pelas próprias rezadeiras no exercício do ofício. Isso ficou evidente nos dois casos, seja pelos diagnósticos das rezadeiras, pela frequência e intensidade das rezas que eram moduladas por elas a depender do caso a ser tratado, e ainda pelos instrumentos/artefatos utilizados, que podem variar entre símbolos religiosos como terços e crucifixos, elementos da natureza como ramos e folhas, ou utensílios domésticos como agulha, peneira, etc.

Do ponto de vista acadêmico/científico, os achados desta pesquisa contribuem para reforçar a importância e centralidade dos contextos socioculturais para a existência e manutenção dos saberes e tradições populares, bem como o caráter vivo e dinâmico dos mesmos. Adicionalmente, identificam-se elementos que caracterizam os processos de transmissão e exercício do ofício das rezadeiras como um saber popular. Algo que foge ao escopo do presente texto, pelo que se recomenda um estudo futuro, diz respeito ao comparativo entre as práticas das rezadeiras e a de outros ofícios populares, a fim de identificar semelhanças e diferenças nas suas formas de transmissão e exercício.

Por fim, em termos de contribuição social, o estudo reforça a necessidade de avançar na superação das dicotomias e na redução das distâncias entre saberes eruditos e populares,

formais e informais, institucionalizados e não institucionalizados. Estes saberes e ofícios populares como o das rezadeiras geralmente são inferiorizados ou desconsiderados pelos espaços formais e institucionalizados de educação, como a escola, em nome da primazia de um saber acadêmico, superior, por vezes de padrão formalista e conteudista. Ao reforçar este padrão, a escola desconsidera que este saber é parte integrante da vida e do cotidiano da comunidade em que está inserida e que, possivelmente, parte dos estudantes, pais e profissionais que a integram se utiliza desse ofício no seu dia-a-dia. Estas trocas e diálogos de saberes entre escola e comunidade pode comparecer como um importante instrumento de valorização cultural, de manutenção e salvaguarda dos saberes e fazeres característicos de um grupo social e de integração escola-comunidade.

## 6. REFERÊNCIAS

- "Benzer", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [*online*], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/Benzer-mo> [consultado em 26-01-2023].
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 28. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CHARTIER, Roger. **Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p. 179.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- GASPAR, Eneida Duarte. **Guia de religiões populares do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- NERY, Vanda Cunha Albieri. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2004, Porto Alegre. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2004
- PALUDO, Conceição. **Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas**. Brasília, 2006.
- PATTON, Michael Quinn. Fieldwork strategies and observation methods. In: PATTON, Michael Quinn (Ed.). **Qualitative research and evaluation methods**. Thousands Oaks: Sage publications, 2002. P. 259-338.
- SANTOS, Francimário Vitor dos. **O Ofício das Rezadeiras como Patrimônio Cultural: Religiosidade e Saberes de Cura em Cruzeta na Região do Seridó Potiguar** Rev. CPC, São Paulo, n. 8, p. 6-35, maio 2009/out. 2009.
- SILVA, Claudia Santos. Rezadeiras: Guardiãs da memória. In Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, V, Faculdade de Comunicação/UFBA. **Anais**. Salvador-Bahia-Brasil. 2009.p.1-16.
- SILVA, René Marc da Costa. Cultura Popular e a Educação. In: **Cultura popular e educação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008.

SPÍNDOLA, Telma. SANTOS Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?) **Rev. Esc. Enferm USP** 2003; 37(2): 119-26.

THEOTONIO, Andrea Carla Rodrigues. **Entre ramos de poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia - PB** /Andrea Carla Rodrigues Theotônio. — Campina Grande, 2010. 124f: il.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. 174p.